



Revista  
**FONTES DOCUMENTAIS**

---

**COMPETÊNCIAS (IN)FORMATIVAS NA ERA DIGITAL:  
ESTUDO SOBRE A TRANSGRESSÃO DISCIPLINAR NAS  
PRÁTICAS FORMATIVAS E INFORMATIVAS  
DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

*(IN)FORMATIVE COMPETENCIES IN THE DIGITAL AGE:  
A STUDY ON DISCIPLINARY TRANSGRESSION IN THE FORMATIVE AND INFORMATIVE  
PRACTICES OF INFORMATION SCIENCE*

---

**DOI: 10.9771/rfd.v7i0.66389**

---

**Meri Nadia Marques Gerlin**

Professora do Departamento de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFES. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Educação pela UFES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4292-2559> E-mail: meri.gerlin@ufes.br

**Rodrigo Silva Caxias de Sousa**

Professor do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS. Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6872-4054> E-mail: rodrigo.caxias@ufrgs.br

**RESUMO**

Este estudo analisa a transgressão disciplinar na Ciência da Informação (CI) para pensarmos no constructo teórico-conceitual das práticas formativas advindas das competências informativas na “Era digital”; ou era da informação como também é denominada desde o final do século XX devido ao crescimento do uso das novas tecnologias. A coadunação das abordagens inter e transdisciplinares auxiliam no delineamento da pesquisa exploratória e do método de levantamento bibliográfico e documental, culminando na identificação das publicações de entidades de classes da área da informação e do arcabouço teórico-conceitual da CI e áreas interdisciplinares como a Biblioteconomia e a Educação. Partimos dessa estratégia para (re)pensarmos no intercambiamento de saberes da Filosofia da Educação com fazeres da Formação Cidadã direcionados ao desenvolvimento das “competências em informação, digital e leitora” no espaço presencial e no ciberespaço (espaço híbrido), já que essas competências informativas darão base para costuras de outros diálogos no campo da CI e das (novas) áreas e temáticas interdisciplinares. Este é um ponto de partida para colocarmos em questão o lugar que as práticas formativas recebem no âmbito dessa ciência por meio da perspectiva transdisciplinar, apontando que a adoção solitária da abordagem interdisciplinar não dará conta da transgressão

necessária à proposição da teoria e prática transformadora (práxis) requerida em processos de aprendizagens mediatizados e/ou autônomos.

**Palavras-chave:** ciência da informação; competências informativas; transgressão disciplinar; práticas formativas.

## ABSTRACT

This study analyzes disciplinary transgression in Information Science to reflect on the theoretical-conceptual construct of formative practices arising from informational competencies in the "Digital Age" or Information Era, a term used since the late 20th century due to the increased use of new technologies. The integration of inter and transdisciplinary approaches aids in the design of exploratory research and the methodology of bibliographic and documentary surveys, culminating in the identification of publications from information field entities and the theoretical-conceptual framework of Information Science, as well as interdisciplinary areas like Library Science and Education. This strategy aims to rethink the exchange of knowledge between the Philosophy of Education and Citizen Formation practices, directed towards the development of "information, digital, and reading competencies" in both physical spaces and cyberspace (hybrid space). These informational competencies will underpin the construction of further dialogues in the field of Information Science and interdisciplinary areas and themes. This serves as a starting point to question the role of formative practices within this science from a transdisciplinary perspective, indicating that the solitary adoption of an interdisciplinary approach will not suffice for the necessary transgression to propose transformative theory and practice (praxis) required in mediated and/or autonomous learning processes.

**Keywords:** information science; informational competencies; disciplinary transgression; formative practices.

## 1. INTRODUÇÃO

A “Era digital”, também denominada como “Era da Informação”, é demarcada pelos avanços tecnológicos do final do século XX, bem como pela ampliação do uso dos equipamentos eletrônicos e do acesso às tecnologias de informação e comunicação (TIC). Deste século em diante, ganha destaque a ampliação do uso das ferramentas de produção/disponibilização da informação, alterando a paisagem desenhada pela revolução das comunicações com a criação do espaço virtual (*ciberespaço*). A “Era” de pessoas conectadas em “redes digitais distribuídas” aumenta a necessidade de busca, avaliação e uso de conteúdos informativos para produzir e compartilhar informação nesse novo espaço de inclusão digital.

A disseminação da informação “de todos para todos” requer o uso dos recursos tecnológicos tangíveis, como os equipamentos eletrônicos, e intangíveis, como as formas de conexão em rede por meio das senhas dos *Wi-Fi* e dos planos de telefones móveis.

Disseminar a informação nesse cenário, com a mistura de linguagens hipertextuais e multimodais, possibilita a conexão em uma rede com contornos gráficos, matemáticos, textuais, sonoros, imagéticos e outros que se sobressaem com recursos para a comunicação assíncrona, como e-mails, blogs e websites e, em tempo real, para a comunicação síncrona, em chats, chamadas de vídeo, mensagens de voz e outros recursos responsáveis pela transmissão de informações em redes de comunicação (Castells, 2003; Lévy, 2010).

Nessa “Era”, a Ciência da Informação (CI) e áreas fundantes, como a Biblioteconomia, Documentação e Tecnologia da Informação (TI), contribuem para a resolução de problemas sociais de um coletivo de usuários que localiza suas demandas informativas no espaço presencial e virtual, com toda a sua hibridização demarcada pela necessidade de obtenção da informação registrada e/ou armazenada para o exercício da cidadania (Le Coadic, 2004; McGarry, 1999; Saracevic, 2009; Varela, 2007). Ao considerar questões importantes para a CI, como o problema da informação, a explosão informacional e a criação de estratégias para a recuperação da informação, Saracevic (1999) possibilita que estudemos não apenas as propriedades e os processos de busca, seleção e recuperação da informação, mas que também ampliemos nosso olhar aos processos educativos requeridos para que o cidadão obtenha competências necessárias à avaliação crítica e ao uso social da informação.

Em vista de que a CI surge do diálogo interdisciplinar na metade do século XX, destacamos, nesse período, a primeira fase da transgressão disciplinar, permitindo o estabelecimento de diálogos com as áreas da informação e da TI. Desse modo, “a interdisciplinaridade, a tecnologia de informação e a participação efetiva na evolução da sociedade” são três características apontadas por Saracevic (1999) que permitem que essa ciência seja demarcada pela dimensão social e humana, mesmo quando se “[...] trata de técnicas de recuperação de informações, assim como, [quando se] lida diretamente com a necessidade/uso de informação dos usuários” (Saracevic, 2009, p. 2579).

Diante do exposto, colocamos em questão a criação das áreas do serviço de referência virtual e da formação da competência em informação (CoInfo), que contam com a mediação profissional em unidades de informação e com o oferecimento de produtos para que o sujeito possa buscar e recuperar informação autonomamente em ambientes presenciais e digitais (híbridos). Destacam-se, nessa direção, pesquisas e ações profissionais relacionadas a processos de avaliação e análise crítica da informação localizada em sistemas de recuperação da informação (SRI) (Gerlin, 2020; Le Coadic,

2004), contribuindo com a dinâmica de uso da informação em ambientes híbridos com o auxílio da internet, que se configura como uma grande rede mundial de computadores, responsável pela revitalização dos processos de busca, recuperação, produção e compartilhamento da informação na “Era digital”.

Com base na teoria de McGarry (1999), podemos explorar o fato de que bibliotecários, especialistas de TI e cientistas da informação trabalham com a “informação” numa perspectiva técnica e cultural para, de certa forma, “designar” temas e assuntos contidos em documentos textuais e em outros itens informativos, como as obras de arte, os artefatos, as imagens e os conteúdos sonoros disponibilizados em unidades de informação como arquivos, centros de documentação e memória, museus e bibliotecas. Nesse contexto de análise, compreendemos a temática da cibercultura (cultura da conexão das redes digitais), já que o ciberespaço abarca as culturas constituídas pelos seres humanos, reunindo conhecimentos, crenças, habilidades, costumes e outras características culturais que contribuem para indicar o que será produzido, preservado e recuperado em bibliotecas, arquivos e museus digitais (Gerlin, 2022; Lévy, 2010; McGarry, 1999).

Essa nova paisagem pigmentada com as cores de uma ciência interdisciplinar nos conduz ao objetivo geral de analisar a contribuição da transgressão disciplinar no campo da CI para pensarmos no constructo teórico-conceitual das práticas formativas advindas das competências informativas na “Era digital” e, junto a isso, para especificamente refletir sobre a (trans)formação cidadã necessária à sociedade contemporânea nos processos educativos das competências em informação, digital e leitora. Para tanto, cabe pensar em um método que nos permita colocarmos em análise a contribuição da transgressão disciplinar no campo da CI no século XXI.

Diferente da metodologia, um método se aproxima de uma estratégia pensada para a invenção e a estruturação da linha de pensamento e para a reestruturação reflexiva da pesquisa. “É impossível reduzir o método/caminho/ensaio/travessia/pesquisa/estratégia a um programa e ele tampouco pode ser reduzido à constatação de uma vivência individual” (Morin; Ciurana; Motta, 2003, p. 23). A produção deste estudo, portanto, refere-se à integração das abordagens inter e transdisciplinares que auxiliam no delineamento da pesquisa exploratória e do método de análise do material selecionado no decorrer do levantamento bibliográfico documental.

Em termos de análise documental, culmina no levantamento das publicações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), junto com a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), sendo

esta última, em sua maioria, traduzida pela Federação Brasileira de Associação de Bibliotecários (FEBAB), dando visibilidade ao recorte do arcabouço teórico-conceitual das obras de cientistas da informação, educação e filosofia como Jesús Lau, Edgar Morin e Marilena Chauí, em parceria com Carlos Tünnermann Bernheim e, para complementação, partimos dessa estratégia para proceder ao intercâmbio de saberes da Filosofia da Educação (Quadro 1).

**Quadro 1** – Documentos de teóricos da Informação, Educação e Filosofia publicados e traduzidos pela UNESCO, IFLA e FEBAB.

PUBLICAÇÕES E AUTORIAS	DIRECIONAMENTOS
<b>1999/2000 – Os sete saberes necessários à educação do futuro de Edgar Morin.</b>	No final do século passado, a obra publicada pela UNESCO apresenta saberes (conhecimentos) indispensáveis para a educação no século XXI, ao considerar limitações da condição humana e princípios norteadores para o processo ensino aprendizagem.
<b>2003/2008 – Desafios da universidade na sociedade do conhecimento de Carlos T. Bernheim e Marilena Chauí.</b>	Cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior da UNESCO em 2003, os autores publicam uma obra reflexiva sobre a produção de conhecimento no âmbito desta instituição de ensino frente a globalização mundial e a dimensão ética da educação superior e da pesquisa na sociedade contemporânea.
<b>2007 – Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente de Jesús Lau.</b>	Esse documento publicado pela IFLA e traduzido pela FEBAB por meio da tradução do conhecimento de Regina Belluzzo, foi produzido com a finalidade de disponibilizar à classe bibliotecária diretrizes sobre habilidades e competências em informação no século XXI.

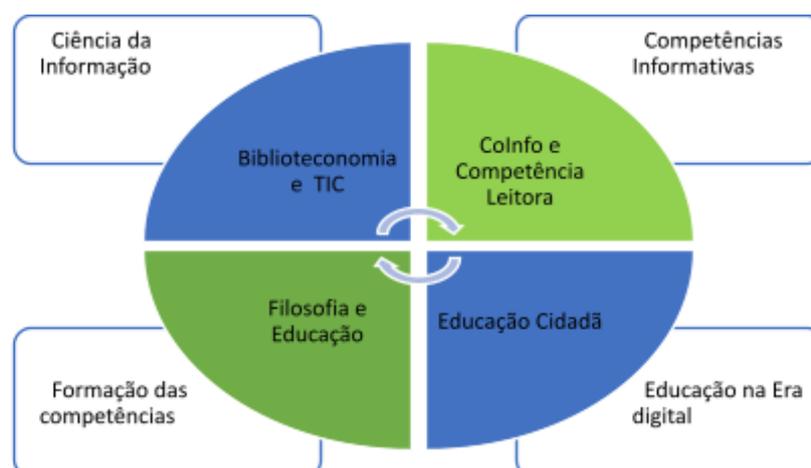
**Fonte:** Elaboração dos autores (2023).

Por meio da estratégia do levantamento bibliográfico e documental, procedemos ao intercambiamento de saberes e fazeres da CI com áreas interdisciplinares da Biblioteconomia, Filosofia e Educação, direcionados ao desenvolvimento das ações (in)formativas de competências digital e leitora e competência em informação (CoInfo) na era da informação (Figura 1), ao dialogar com Aida Varela, Aurora Cuevas-Cerveró, Jesús Lau, Kevin McGarry, Le Coadic, Marilena Chauí, Michel Foucault, Pierry Lévy,

Paulo Freire, Regina Belluzzo e outros pesquisadores/as.

A análise requereu que pudéssemos (re)pensar na “práxis” de processos de formação das habilidades e competências informativas, o que possibilita o início de um diálogo sobre as temáticas elencadas para a sustentação do percurso teórico-conceitual sobre: a transgressão disciplinar (i) e a educação cidadã direcionada à formação das competências informativas (ii). Entendemos a habilidade como um saber fazer (capacidade prática adquirida na aprendizagem de conceitos e teorias) que proporciona as práticas necessárias em processos de busca e recuperação da informação, enquanto a competência é uma definição mais ampliada, consistindo na junção de conhecimentos, habilidades e atitudes solicitadas em processos informativos.

**Figura 1** – O intercambiamento da teoria da CI em face dos saberes e fazeres da formação cidadã das competências informativas



Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

A educação cidadã pode ser pensada na mesma direção da ciência cidadã, que solicita metodologias que garantam a participação e a colaboração efetiva dos cidadãos em processos que geralmente são de responsabilidades apenas dos cientistas e pesquisadores. Isto posto, iniciamos esse exercício de diálogo pautados nas abordagens inter e transdisciplinares, sem a intenção de terminá-lo, restando-nos pensar na capilaridade das estruturas de poder observadas e também não observadas em processos de pesquisas sobre a formação das competências digital, leitora e em informação desenvolvidas nos dispositivos culturais como bibliotecas, museus e arquivos que trabalham com a educação de usuários nos seus serviços de referências híbridos

(presenciais e virtuais) (Foucault, 2004; Lévy, 2010; Gerlin, 2022).

Em vista de que as competências informativas compreendem um saber fazer (conhecimentos e habilidades) direcionados à prática atitudinal da busca, da seleção e do uso da “informação”, que é objeto dessa ciência em constante transformação, podemos ainda identificar na transdisciplinaridade elementos necessários à junção da teoria e prática transformadora (práxis) para romper com a estrutura da ciência tradicional e disciplinar que ainda orienta a formação das competências (Freire, 1997; 2007; Gerlin, 2020; Gerlin; Simeão, 2017).

A análise realizada contempla a teoria e a prática que ainda se encontram em processo de diálogo sobre a competência em informação que é estabelecida entre os profissionais da informação e seus cientistas. Em face ao fortalecimento dos estudos das competências, destaca-se a área da competência leitora e da competência em Informação (CoInfo) e, por conseguinte, mediante a adoção de abordagens inter e transdisciplinares, destacam-se saberes e fazeres da Biblioteconomia, Tecnologia da Informação, Educação e Filosofia, entre outras que nos permitem pensar no lugar da educação cidadã que ocupa nas formações dessas competências.

## **2. (DES)ENVOLVIMENTO COM A PESQUISA**

Situada no cenário do crescimento dos fluxos informacionais após a segunda guerra mundial e resultante das relações interdisciplinares, a CI recebeu importantes contribuições dos campos de estudo e prática profissional das áreas que, até então, lidavam com a informação. Destacam-se as contribuições da Biblioteconomia, da Documentação e da TI e, na atualidade, da Arquivologia, da Museologia e do Jornalismo, que são subáreas que lidam com a produção, o tratamento, o armazenamento, a preservação e a distribuição da informação impressa, digital e eletrônica (Araújo; Valentim, 2019; Le Coadic, 2004).

Diferentemente das outras ciências que levaram um longo tempo para se afirmarem como uma ciência adulta, em um curto espaço de tempo, ela recebeu a contribuição de diversas disciplinas, estabelecendo, desde a metade do século XX, contato com variados campos de produção do conhecimento técnico, social e humano. Fazendo parte da grande área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, estabelece contato com disciplinas de outras áreas, como as Ciências Humanas, ao possibilitar o contato interdisciplinar com a Educação, Filosofia e Sociologia para atender demandas da

sociedade, culminando, desse modo, na criação de conceitos, teorias e modelos discutidos nacional e internacionalmente.

Para a época em que a CI foi criada, a interdisciplinaridade significou uma transgressão ao contexto dominante de pesquisa e estudo monodisciplinar imposto pela ciência tradicional, e, desde então, tem estudado aspectos relacionados com categorias de pesquisas e práticas elencadas pela organização, tratamento e mediação da informação, compreendendo desde temáticas relacionadas com o tratamento técnico, armazenamento, seleção (análise e avaliação) até com processos de mediação, busca, recuperação e disseminação que culminam no acesso e no uso da informação.

Em vista de que a transgressão disciplinar aconteceu pela primeira vez no momento em que a CI foi criada no âmbito da interdisciplinaridade e na contramão da disciplinaridade (Gerlin; Simeão, 2017), o ato de transgredir ainda é necessário tanto para a produção de pesquisas com seu objeto (a informação) como para o desenvolvimento de ações de cunho social, como aquelas voltadas para a formação da cidadania. Para isso, a adoção da transdisciplinaridade é relevante, pois possibilita a transgressão necessária para que a CI ultrapasse o diálogo “embarreirado” pelas paredes das disciplinas dentro das universidades e de outras instituições de ensino e pesquisa, oportunizando um diálogo mais propositivo ao envolver e considerar como válido o saber cotidiano e popular, por exemplo, que é a premissa da Ciência Cidadã.

A transgressão é, em grande parte, responsável pelo atravessamento não apenas das novas disciplinas e áreas profissionais que dialogam com a CI de maneira mais propositiva, mas também pelas relações estabelecidas com áreas de conhecimento consideradas como “não científicas” e que não obtiveram a aceitação do meio acadêmico. Desse modo, o ato de transgredir é urgente para estudos relacionados com questões de gênero, étnico-raciais, religiosas, econômicas, políticas e sobre a desigualdade social responsável pela exclusão digital e impeditiva da livre e autônoma navegação no ciberespaço. O acesso à informação em espaços híbridos é um direito constitucional e responsável pela formação da cidadania; o que perpassa a formação de usuários aptos a realizarem análise e reflexão crítica dos conteúdos informativos.

Chegamos, então, ao ponto de análise sobre a importância da transgressão disciplinar numa época em que o fenômeno da ampliação do uso das novas tecnologias e do crescimento dos fluxos de informação ainda é desigual, despertando-nos para o fato de que são várias as áreas de conhecimento científico e práticas cotidianas que precisam estabelecer relações para que possamos estudar e compreender o objeto da CI associado

às demandas sociais em ambientes de informação híbridos.

Resta-nos, então, procurar pensar em como a formação das competências informativas tem contribuído para o desenvolvimento da cidadania na era digital. No início do século XXI, em que se torna relevante dialogar sobre processos de aprendizagem das competências informativas em espaços de educação presenciais e virtuais, citamos “As diretrizes sobre o desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente”, de Jesús Lau (2008, p.30). Esse documento, publicado pela IFLA e traduzido pela FEBAB por meio da tradução de Regina Belluzzo, foi produzido com a finalidade de disponibilizar à classe bibliotecária diretrizes para a formação de habilidades e competências em informação. Nele, destaca-se que o profissional que gerencia a biblioteca precisa envolver-se com os processos educativos ao ter consciência de que:

Os bibliotecários podem otimizar seu tempo ensinando aos alunos e ao pessoal docente como encontrar, avaliar e utilizar a informação. Devem redirecionar o seu trabalho para orientar os indivíduos na busca e no uso, em lugar apenas da localização de fontes de recuperação. Entretanto, o papel do facilitador impõe um desafio: os bibliotecários devem ser capacitados na busca das oportunidades para aprender ou melhorar suas habilidades como facilitadores de aprendizagem (Lau, 2008, p. 31).

Lau (2008) apresenta parâmetros para o trabalho educativo com diretrizes direcionadas às competências informativas, com as quais os bibliotecários e outros profissionais da informação podem encontrar uma estrutura prática que, depois de adaptada, os auxilia no atendimento das “necessidades de uso efetivo da informação”, já que os cidadãos para obterem proveito da informação necessitam “buscá-la, selecioná-la e usá-la” (componentes da competência informativa). Por meio da apresentação desses componentes básicos para adquirirem competências informativas, Jesus Lau apresenta padrões para a primeira década do século XXI de “Desenvolvimento de Habilidades em Informação” (DHI), sendo eles, desde então, utilizados em diversas pesquisas e práticas de competências em informação (Figura 2).

**Figura 2** - Componentes básicos para padrões de Desenvolvimento de Habilidades em Informação (DHI)



Fonte: LAU (2008, p. 17).

Esses padrões baseiam-se na experiência de pesquisadores, profissionais e associações bibliotecárias internacionais, fornecendo indicadores para que se possa "ensinar" a acessar (reconhecer a necessidade de informação e localizar), avaliar (analisar, interpretar e selecionar) e usar (compreender, aplicar e comunicar) a informação. Lau (2007) apresenta estratégias para o planejamento de programas e ações educativas de competências em cursos de capacitação curriculares e extracurriculares, seminários, visitas técnicas e outras atividades.

Convém observar que ensinar exige a "disponibilidade ao diálogo", o que não significa apenas "transferir conhecimento" (Freire, 2007). Consequentemente, não se pode "ensinar" algo a alguém sem considerar sua "leitura de mundo" (experiência vivida) (Freire, 1997). Para Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o que pode ser compreendido na perspectiva multimodal (escrita, sinalizada, sonora, imagética etc.). Assim, os programas e ações de competências informativas devem incorporar uma preocupação educativa transformadora, valorizando a experiência do cidadão (Freire, 1997; 2007).

Essas atividades precisam estar alinhadas à realidade do cidadão, permitindo que ele assuma protagonismo nos processos de busca e recuperação de informações capazes de transformar sua realidade comunitária, acadêmica, escolar, familiar etc. Entretanto, o que se observa no documento produzido por Lau (2008) é uma preocupação com a educação voltada ao desenvolvimento da autonomia do sujeito em processos de aprendizagem por meio do "reforço de competências pedagógicas e tecnológicas".

Com base na ideia de reforço de competências, percebe-se que essa preocupação educativa está fundamentada na Psicologia Cognitiva e em técnicas de ensino que culminam no enfoque de teorias comportamentalistas (condicionamento, reforço e

observação) e construtivistas (resolução de problemas, desenvolvimento cognitivo e construção do conhecimento). Lau (2008) argumenta que os profissionais da informação, especialmente os bibliotecários, precisam adquirir habilidades pedagógicas para atuarem em equipes de "capacitação" (denominação comumente utilizada), considerando as redes digitais (internet). Para isso, é necessário que esses profissionais colaborem com seus usuários em ambientes virtuais e redes de comunicação.

Daí decorre o paradoxo: o século XX produziu avanços gigantescos em todas as áreas do conhecimento científico, assim como em todos os campos da técnica. Ao mesmo tempo, produziu nova cegueira para os problemas globais, fundamentais e complexos, e esta cegueira gerou inúmeros erros e ilusões, a começar por parte dos cientistas, técnicos e especialistas (Morin, 2020, p. 45).

Dessa forma, surge a reflexão sobre a necessidade de maior atenção ao contexto das práticas educativas sociointeracionistas direcionadas à formação das competências informativas, digitais e de leitura, em um período no qual o tecnicismo pedagógico ganha destaque nas práticas educacionais. Em contraposição aos eventos de capacitação de usuários, nos quais se observa que a Biblioteconomia é incentivada a adotar o tecnicismo em suas ações formativas baseadas em um modelo educacional disciplinar e tradicional, torna-se imprescindível a transgressão disciplinar para refletirmos melhor sobre um projeto de educação cidadã adequado ao século XXI.

Em oposição às estruturas de poder que dificultam o “enfrentamento das incertezas” por que passam as ciências que influenciam os processos educativos, Morin (2020) cita dificuldades que enfrentamos como o racismo, xenofobia e desprezo às diferenças sociais, de gênero, étnicas e raciais. O autor contextualiza que a ética não pode ser ensinada por meio de lições moral e que esta mesma ética eleva a capacidade do desenvolvimento da cidadania do sujeito, conduzindo-o à autonomia e à participação comunitária, política e social requerida ao cidadão competente em informação no presente século.

Neste momento, convém (re)pensarmos na “práxis” da pesquisa acadêmica sobre as competências no contexto das Instituições de Ensino Superior (IES), dentre as quais citamos os programas de pós-graduações em CI das universidades federais brasileiras, para posteriormente visualizarmos uma formação mais popularizada em termos de projetos de pesquisa e extensão dessas instituições que trabalham com a formação de habilidades e competências informativas e, por conseguinte, que possam ocasionar no inter-relacionamento das temáticas “competências informativas e educação cidadã”.

Em vista do exposto, recorreremos ao documento “Desafios da universidade na

sociedade do conhecimento”<sup>1</sup> publicado pela Unesco em 2003 e traduzido em 2008 pela UNESCO, sob a autoria de Carlos Tünnermann Bernheim e Marilena de Souza Chaui, para pensarmos que o conhecimento tem um papel fundamental em processos de produção da informação que leva a consciência cidadã. Bernheim e Chaui (2008) nos permitem refletir que os paradigmas dos processos ensino-aprendizagem devem ser colocados em questão no contexto da universidade e de outras instituições de educação e informação que não apenas pertencentes ao ensino superior, porém que lidam diretamente com a formação das competências informativas e com o desenvolvimento da cidadania na era digital.

Convém lembrar que a universidade trabalha com atividades de formação no campo das competências, devendo, então, compreender a dimensão ética da pesquisa e extensão universitária no Brasil e na América Latina, e que, dentro desse cenário, é preciso destacar que vivemos num momento de globalização do conhecimento e no qual “[...] as novas tecnologias de informação estão produzindo mudanças culturais significativas no contexto da nova ‘cultura informática’” (Bernheim; Chaui, 2008, p. 15).

Por outro lado, pensamos até que ponto o sistema de formação vigente acaba impondo uma espécie de ampliação da desigualdade digital e de ampliação da divisão social e econômica, influenciando nos processos educativos desenvolvidos em espaços tempos de informação, educação e cultura.

Dos paradoxos do século XX, o mais dramático é o aumento da produção de riqueza associado à sua distribuição cada vez mais desigual entre as nações; e, no interior delas, entre seus setores sociais. Além disso, as pessoas que continuam a acumular riqueza se sentem constantemente mais inseguras e com menos estabilidade. Em todas as sociedades, opulentas ou empobrecidas, surgem no horizonte situações de ingovernabilidade (Bernheim; Chaui, 2008, p. 21).

De um lado não podemos deixar de enfocar a desigualdade social que impede o acesso às novas tecnologias, de outro nos deparamos com o advento da Internet e com a Web 2.0 em mundo globalizado. Nesse mundo, pode-se facilmente produzir, armazenar, recuperar informações e conteúdos imagéticos, sonoros e textuais (multimodais) e, frente aos processos de busca, recuperação e uso da informação que transcende o êxtase comunicacional, destacam-se necessidades e desejos de busca e compreensão crítica da informação colocados frente a frente, permitindo que o indivíduo/grupo possa ser

---

<sup>1</sup> Desafios da universidade na sociedade do conhecimento, cinco anos após a Conferência Mundial sobre Educação Superior

entendido como sujeito que busca e precisa desse insumo para o exercício da cidadania: um sujeito de direitos e deveres que necessita sobreviver numa era de enormes fluxos de informação.

A esse respeito Varela (2007) permite refletir que o cidadão é um sujeito coletivo que participa de diferentes esferas sociais, necessitando, portanto, desenvolver o pensamento crítico na medida em que recupera e compreende a informação. E, é nesse cenário, que se faz necessário enfocarmos o papel da universidade em ações de pesquisa e extensão que possam auxiliar nos processos de educativos cujo mote seja a formação das competências informativas, dentre as quais ressaltamos as competências leitora, digital e em informação trabalhadas nas graduações dos cursos de Biblioteconomia e nas pós-graduações em CI.

Varela (2007, p.29) expõe que “A informação é fator vital tanto para a subsistência do indivíduo como da sociedade. [E que] O grau de desenvolvimento de uma sociedade pode ser evidenciado pela qualidade de informação disponível para a sua comunidade”, desse modo, ela é necessária ao fortalecimento da consciência social e à participação do sujeito na resolução de problemas individuais, sociais e nas decisões coletivas do país e da vida em comunidade (Varela, 2007). Todavia,

É de fundamental importância que se questione o papel da informação na construção da cidadania, principalmente quando se deseja que a pessoa usufrua a condição de ser cidadão como sujeito, construindo-se e constituindo-se como ser capaz de autonomia, enquanto ser único, resultante do coletivo (Varela, 2007, p.23).

Pouco se tem relacionado, nesses eventos, sobre as necessidades de formação das competências em informação, digital e leitora dos cidadãos, que necessitam ser leitores críticos e produtores éticos de informação para o desenvolvimento de sua cidadania (Freire, 1997; Varela, 2007).

Acerca das competências informativas trabalhadas em programas de formação, é importante pontuar que, desde o final da década de 1990, observa-se o crescimento de estudos na área da Ciência da Informação sobre essa temática. Desde então, documentos produzidos por pesquisadores da informação têm apontado o interesse crescente no estudo da competência em informação (Belluzzo, 2018; Campello, 2003; Dudziak, 2010) e, mais recentemente, um maior interesse pela competência digital e, em menor grau, pela competência leitora (Alcará; Santos, 2015; Becker; Grosch, 2008; Cavalcante; Sousa, 2016; Gerlin, 2020).

No presente século, registra-se o interesse em estudar a competência leitora em

relação à competência em informação (Cuevas-Cerveró, 2008; Gerlin, 2020; 2021) e o aumento de ações e programas com esse fim em unidades de informação, educação e cultura, como bibliotecas públicas, escolares e universitárias. Esse movimento culmina, conseqüentemente, na publicização de um maior número de pesquisas científicas e de práticas profissionais sobre o inter-relacionamento dessas competências informativas e, logo em seguida, em uma crescente preocupação com a influência da competência em informação e da competência digital, principalmente durante a pandemia da Covid-19 (Assis; Gerlin, 2022; Belluzzo, 2018; Dudziak, 2010).

A conceituação da competência em informação auxilia na construção do entendimento de que essa competência pode ser definida como o conjunto de habilidades, conhecimentos e atitudes necessários aos processos de busca, seleção e uso de conteúdos informativos (Lau, 2008). A definição dessa competência é essencial para compreendermos a competência digital como garantidora da atitude necessária para que o ser humano adquira e/ou aperfeiçoe habilidades e conhecimentos, permitindo-lhe aprender e utilizar desde equipamentos eletrônicos simples até tecnologias mais complexas de acesso às redes digitais que abrigam Sistemas de Recuperação da Informação (SRI) de diversas modalidades (Belluzzo, 2018; Dudziak, 2010).

Por sua vez, a conceituação da competência leitora está inter-relacionada com as definições da competência em informação e da competência digital, diferenciando-se pela premissa de que a compreensão crítica das diversas modalidades de informação é responsável pela construção dos saberes (conhecimentos) e fazeres (habilidades) necessários ao uso social das informações recuperadas e selecionadas na era digital. Essa competência também é fundamental para a interpretação do que se lê, por meio da avaliação crítica dos conteúdos recuperados em espaços híbridos, como bibliotecas, escolas e universidades, fornecendo ao cidadão a capacidade de refletir sobre o uso dessas informações no meio social em que vive (Cuevas-Cerveró, 2008; Gerlin, 2020; 2021).

Com o “poder” advindo do desenvolvimento de competências em processos educativos e informativos, surge também a responsabilidade cidadã, associada à autonomia e ao protagonismo no uso, produção e compartilhamento de conteúdos informativos. Dessa forma, torna-se essencial a formação cidadã em processos de orientação do usuário no serviço de referência híbrido. Esse serviço é oferecido em ambientes de informação presenciais e virtuais, consistindo tanto na ação de atendimento quanto na formação do sujeito nos processos de busca de informação. Essas ações devem ocorrer de maneira articulada em bibliotecas, universidades, arquivos, escolas, centros de

documentação e outras unidades de informação, educação e cultura, que são considerados dispositivos culturais.

Com base nos estudos realizados por Lévy (1998; 2010) e McGarry (1999), percebe-se que os processos de busca e comunicação, viabilizados pela linguagem oral, hipertextual e multimodal (textual, sonora e imagética), culminam em uma interconexão regional e global, estruturando um novo espaço-tempo sem hierarquizações. Esse fenômeno pode ser analisado em termos das possibilidades de rompimento com estruturas de poder que restringem os fluxos de informação nos dispositivos culturais.

Os dispositivos culturais podem ser entendidos como:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2006, p. 244).

Tendo em vista que as unidades de informação das bibliotecas, dos arquivos e dos museus são dispositivos culturais nos quais podemos visualizar as relações de poder em processos de recuperação e disseminação de conteúdos informativos, Foucault (2006) nos possibilita refletir sobre a existência de uma estrutura muitas vezes invisível aos olhos humanos (microfísica) e, na qual e com a qual, as relações de poder são atravessadas pelos saberes (conhecimentos) e fazeres (habilidades) que compõem as ações formativas das competências responsáveis pela busca, recuperação e avaliação da informação.

Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento (Foucault, 2006, p. 182).

Os vestígios da manutenção do poder em instituições como o ciberespaço, as universidades, as escolas, as bibliotecas, os museus, os arquivos e as empresas são demarcados pela disciplinaridade e pela disciplinarização dos corpos dos cidadãos e visualizados nas relações profissionais e sociais. Por meio dessas relações, o poder se torna visível. Lembremos, então, do panóptico, objeto de observação descrito por Foucault (1994), que pressupõe uma estrutura de vigilância nos dispositivos culturais das unidades de informação, educação e cultura. É por meio delas que se fortalecem as estruturas deliberativas e institucionais, as quais podem ser visualizadas nas relações estabelecidas entre emissor-receptor, opressor-oprimido, pesquisador-objeto, professor-

aluno, entre outras.

Trata-se de um poder que pode ser compreendido como algo (dito ou não dito) que circula por instituições familiares, prisionais, comunitárias, religiosas, afetivas, profissionais, educativas, formativas etc., constituindo-se como uma rede de relacionamentos na qual cada cidadão exerce funções, obtém direitos e deveres, manifesta opiniões, entre outras ações necessárias ao desenvolvimento da cidadania. Nessas estruturas de poder, nascem movimentos de resistência no sentido de resistir e (re)existir, possibilitando que o saber-poder seja exercido por todos "[...] com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamentos" (Foucault, 2006, p. 93).

As relações sociais, dentro e fora das unidades de informação responsáveis pela formação das competências, acabam constituindo-se como relações de poder, desde o processo de seleção da informação que será armazenada nos SRI das unidades de informação até o momento em que um conjunto de informações será disseminado na biblioteca, no arquivo e noutros ambientes híbridos de busca e recuperação da informação pelo cidadão. O mesmo ocorre com os processos educativos direcionados para a CoInfo, que, geralmente, enfocam aspectos relacionados à educação de usuários no serviço de referência, atendendo, em sua maioria, à instrução bibliográfica e às demandas de pesquisas acadêmicas elencadas nos currículos dos cursos oferecidos à comunidade universitária.

### 3. (DES)TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo é um ponto de partida para, posteriormente, colocarmos em questão o lugar que a prática da competência voltada para a formação da cidadania poderá ocupar no âmbito desta ciência, apontando que a adoção solitária da abordagem interdisciplinar não dará conta da transgressão necessária à proposição da teoria e prática transformadora (práxis) requerida em processos de aprendizagem mediados e/ou autônomos sobre as temáticas que giram em torno das competências informativas.

Em suma, percebemos que os recursos disponibilizados pelas TIC potencializam processos educativos nos quais a mediação autônoma acontece dentro e fora das unidades de informação híbridas, facilitando o acesso aos conteúdos multimodais em diferentes sistemas de recuperação da informação (SRI). Nessa direção, é imperativo o

desenvolvimento de habilidades (saberes), competências (conhecimentos) e atitudes (saber agir) para a promoção de aprendizagens em processos de ensino (mediados ou autônomos) ao longo da vida educativa, política, privada, profissional e cultural do sujeito que é usuário e produtor de informação.

Como as questões formativas das competências são atravessadas por vetores educativos, sociais, políticos e culturais e devem ser repensadas "junto com" cidadãos pensantes e aprendentes em instituições de informação, educação e cultura, destacam-se as atividades de pesquisas extensionistas provenientes dos cursos de pós-graduação e graduação em CI, Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Jornalismo, Documentação, entre outros, dependentes da abordagem transdisciplinar necessária à transgressão disciplinar.

As atividades informativas e formativas são planejadas coletivamente em bibliotecas, associações de moradores, universidades, escolas e outros espaços-tempos de busca, recuperação, avaliação crítica e uso da informação no meio social em que os cidadãos vivem. Essas atividades envolvem sujeitos das comunidades internas e externas às instituições de ensino superior, fornecendo o atravessamento necessário ao trabalho com a pesquisa e a extensão universitária, essenciais às disciplinas e outras áreas do conhecimento consideradas como "científicas" e "não científicas".

O cientista e o pesquisador da CI precisam, então, obter um saber-fazer (conhecimentos e habilidades) para identificar as transformações sociais no campo dessa ciência e para exercitar o diálogo entre as áreas das ciências, a fim de fortalecer os estudos das competências informativas, com destaque para a Competência em Informação, mediante a adoção de correntes teóricas da Educação, Sociologia, Filosofia, entre outras.

Em um início de diálogo com a Educação e a Filosofia, nos deparamos com a urgência de pensarmos novos direcionamentos para as atividades extensionistas e de pesquisa universitária (inter e trans) transdisciplinares, necessárias à formação de habilidades e competências informativas. Esse movimento busca a defesa do acesso à informação nos espaços democráticos de educação e produção de cultura.

## REFERÊNCIAS

ALCARÁ, Adriana Rosecler; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Avaliação e desenvolvimento da compreensão de leitura em universitários. **Estudos de Psicologia**, v. 32, p. 63-73, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000100006>

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. A Ciência da

Informação no Brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. **Bibliotecas: Anales de Investigación**, Cuba, v. 15, n. 2, p. 232-259, 2019.

ASSIS, Stella Schwanz Dias de; GERLIN, Meri Nadia Marques. Impacts of covid-19 pandemic in the brazilian research scenario on misinformation: analysis of publications from information science journals. **LIS – Journal of Librarianship & Information Science**, v.1, p.1-14, 2022. DOI: [10.1177/09610006221133565](https://doi.org/10.1177/09610006221133565)

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis, RJ: 2001.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCHE, Maria Selma. A Formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-45, ago. 2008. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/59> Acesso em: 01 ago. 2023.

BERNHEIM, Carlos Tünnerman; CHAUI, Marilena Souza. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento**. Brasília, 2008. Caribe: UNESCO, 2008.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **A competência em informação no Brasil**: cenários e espectros. SP: Abecin Editora, 2018.

CAMPHELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, v.32, n.3, p.28-37, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkq5nXsNBLfv5MBHNm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 ago. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; SOUZA, Laiana Ferreira de. Leitura, letramento digital e competência em informação. **Revista Tecnologias na Educação**, v. 17, p. 1-12-12, 2016. Disponível em: <https://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2016/09/Art38-ano8-vol17-dez2016.pdf> Acesso em: 01 ago. 2023.

CEVERO-CUEVAS, Aurora. Competencia lectora y alfabetización en información: un modelo para La biblioteca escolar en la sociedad del conocimiento. **Revista Iberoamericana de Ciência da Informação - RIC**, v.1 n.1, p.3-20, jan./jun. 2008. DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v1.n1.2008.872>

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência Informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, v.15, n.2, p.1-22, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n2p1>

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 2007.

GERLIN, Meri Nadia Marques. **Competência leitora e competência em informação: saberes e fazeres necessários ao acesso da informação (hiper)textual no século XXI**. Vitória, ES: Edufes; Rio de Janeiro, RJ: MC&G, 2020.

GERLIN, Meri Nadia Marques. A mediação informativa em ambientes de (ciber)cultura e (in)formação: estudo exploratório no campo da informação, educação e cultura. **Revista Fontes Documentais**, [S. l.], v. 5, n. Ed. Especial, p. 81–98, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/57968>. Acesso em: 01 ago. 2023.

GERLIN, Meri Nadia Marques. O relacionamento das competências leitora e em informação com o processo de letramento na era digital. **Informação & Informação**, v. 26, p. 206-231, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n1p206>

GERLIN, Meri Nadia Marques.; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. Transgressões no campo da Ciência da Informação: abordagens de uma prática científica em permanente constituição. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 34-58, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245232.34-58>

LAU, Jesús. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Tradução: Regina Célia Baptista Belluzzo. SP: IFLA/Febab, 2008.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 37-49, dez. 1998. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1998.9.3009>

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento completo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. SP: Cortez, 2003.

SARACEVIC, T. Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**. v. 50, n. 12, p. 1051–1063, out. 1999.

VARELA, Aida. **Informação e construção da cidadania**. Brasília: Thesaurus, 2007.

**Recebido/ Received:** 20/09/2024  
**Aceito/ Accepted:** 03/11/2024  
**Publicado/ Published:** 31/12/2024